

depoimento

"EU PODERIA FUGIR COM ELLES"

De Paulo Pedro Garcia
Por Dirceu Cutti

Este depoimento, uma espécie de colcha de retalhos, foi extraído de um depoimento maior publicado no livro "O Padre Cigano", (FUMARC, Belo Horizonte, 1995), onde seu autor narra, com a pureza d'alma que Deus lhe deu, de como sua paixão nata pelo mundo cigano, amalgamada mais tarde pela opção sacerdotal, o transformou, um dia, num padre cigano. Capichaba, natural de São José do Calçado/ES, Pe. Paulo faz de sua vida um eterno acampar. Embora sem podermos interromper sua conversa com nossas curiosidades, deixemos que ele proseie conosco.

Naquele dia chuvoso eu estava na janela apreciando a enxurrada e eles desceram a ladeira com a grande tropa. Era a primeira vez que eu admirava toda aquela gente com seus trajes e almofadões multicores sobre os animais com arreios e freios enfeitados de prata. Algumas éguas tinham suas crinas torcidas em grossas tranças, cujas pontas terminavam com belos laços de fitas de diversas cores. Eles nunca passavam pela ladeira, rua principal da minha terra. Mas a estrada que contornava a periferia estava intransitável e por isso permitiram-lhes atravessar a cidade.

Naquele meio-dia chuvoso e escuro eu não consegui fugir pelo portão do quintal para ir vê-los mais de perto. Na mesa do lanche, enquanto servia para os filhos gostosos biscoitos fritos, mamãe comentou, em tom de advertência, que aqueles eram os ciganos e que devíamos ter muito cuidado, porque eles roubam coisas, animais e crianças. Quebrei o silêncio que permaneceu no ar, após as advertências de mamãe e perguntei de onde eram os ciganos, de onde vinham e o que faziam. Nem ela, nem minha irmã souberam responder. A vizinha que estava presente murmurou alguma coisa a respeito de andarilhos, vagabundos e voltou a repetir o que mamãe já havia dito acrescentando com ênfase que eles rogavam muita praga e matavam as pessoas.

Naquele resto de tarde e pedaço de noite eu fiquei me perguntando: "Ciganos? Quem são os ciganos? De onde vieram? Para onde vão? O que fazem? Como vivem? Por que nós não somos ciganos?... Um dia ainda vou perguntar para eles. Eu

poderia fugir com eles. Eu quero vê-los de perto. Eu quero conversar com eles..."

Na "hora de criança dormir", deitado em minha cama eu sonhava acordado e tentava imaginar o que os ciganos, naquele momento, estariam fazendo. Onde teriam colocado todos aqueles animais? Será que tinham cama para eles e seus filhos? Estariam dormindo debaixo de árvores? Mas onde estavam, no campinho da pinguela, não havia árvores!... Eu tive vontade de fugir e ir até lá para encontrar as respostas das minhas perguntas. E eu fugi: transpuse as portas e janelas da ânsia do meu pequeno coração e caí de cheio na rua escura do sono...

Era tempo de férias e, logo depois do café da manhã, como menino fujão, eu corri ladeira abaixo em direção ao campinho. Eu estava diante de um Acampamento Cigano! Via uma porção de barracas de lona, roupas penduradas em cordas secavam ao sol, crianças corriam de um lado para o outro; havia galinhas, patos, um cabrito e cachorros rodeando as barracas. Dentro delas homens e mulheres comiam ao redor das panelas. Aproximei-me um pouco mais e vi que tudo e todos estavam sobre uma lona que cobria o chão e que, apesar de ser ainda cedo, já estavam almoçando. Um pouco temeroso e como quem procura ver o que lhe é proibido, andei ao redor do acampamento passando por detrás daquelas barracas que me pareciam encantadas. Cheguei a ouvir que falavam, de vez em quando, uma língua diferente.

Somente mais tarde, lendo uma publicação, descobri que os ciganos têm muito

a ver com os circos e os circos muito a ver com os ciganos. Grandes e pequenos circos, quando seus donos não são ciganos, muitos artistas e quase sempre os melhores, são ciganos. Gente corajosa, forte, acostumada à itinerância, paciente e perseverante para aprender e fazer até dar certo, colocando a fantasia nos olhos da gente como coisa real, enfrentando riscos verdadeiros ou aparentes, os ciganos foram e continuam sendo os grandes saltimbancos, trapezistas, ilusionistas, malabaristas, palhaços, músicos e perfeitos camelôs de espetáculos nem sempre bons que sua palavra convincente transforma em "ótimos espetáculos", "o espetáculo nunca visto" e até "o maior espetáculo da Terra".

O estilo de vida é quase sempre o mesmo. Todos estão sempre a caminho. Todos são nômades. Todos enfrentam desafios, incompreensões, marginalização e preconceitos. Mais tarde aprendi que o tronco do Povo Cigano está na Índia, seus ramos estão espalhados pelo mundo afora e suas raízes chegam até o Patriarca Abraão e todo o seu povo andante. Existem várias raças ou nações ciganas, com costumes e tradições fortes e semelhantes. No mundo todo falam uma única língua. Não têm uma religião própria. Crêem em Deus, em Nossa Senhora e em vários santos.

Possuem um código de ética próprio que, assim como a língua, não está escrito em lugar nenhum e é passado oralmente de pai para filho. Vivem do comércio, vendendo ou trocando objetos, animais, jóias ou coisas que fabricam. São especialistas em trabalhar com o cobre, a prata e o ouro. Exímios dançarinos e musicistas, trouxeram para nós o violino, o acordeão e o

pandeiro. Deram origem aos Circos e Parques de Diversão e são grandes artistas de palco e picadeiro. Inspiraram muitas óperas, danças de balé no mundo inteiro.

Mais tarde, quando passei a conviver mais de perto com os ciganos, aprendi que as diferentes raças se originam de dois grandes grupos: Rom e Calão. Daí existirem, por exemplo: Calderasha, Lovara, Maçvais, Moldovais, Horohané, Gorbeta, Doreski, Chucureski, Puroneski, os Sinti e muitos outros.

Essa gente que nunca aspirou ao poder e que nunca promoveu uma guerra, perseguida em todos os lugares, cremada aos milhares pelo Nazismo e pela Inquisição, vítima de muitas discriminações e preconceitos por parte dos cristãos, conserva uma grande persistência e coragem.

Um grupo cigano é sempre muito unido, hospitaleiro e pratica a partilha. Tudo é de todos. Quem tem mais ajuda a quem tem menos. A palavra empenhada não pode voltar atrás. A fidelidade conjugal entre eles é vivida a toda prova. A virgindade da moça antes do casamento é um valor indiscutível. As drogas não entram nos acampamentos. As bebidas são usadas apenas nas festas. Não se pratica o aborto. A criança é a bênção do grupo. O velho é a honra do grupo. Nada é feito sem o consentimento do mais velho. Os velhinhos não são colocados em asilos. As crianças não são internadas. Paralíticos e doentes são carregados amarrados sobre tábuas, no lombo do burro, quando o grupo é tropeiro. Ninguém fica para trás.

Se arrancarmos seus adornos, permanecerá sua pele. Se trocarmos sua pele, ficará seu sangue. Se fizerem a transfusão desse sangue, permanecerá o mais importante, imutável, eterno: a alma cigana.

A vocação do cigano é vivenciar sua filosofia de vida: A Terra é minha Pátria, o Céu é o meu teto e a minha religião é a Liberdade. A pureza, ingenuidade, falta de noção de tempo, de espaço, medo do desconhecido, de fantasmas, assombrações e a cobiça de ganhar também até as coisas mais simples que outro recebeu, são características que fazem parte do pequeno universo da mente dos ciganos desde a infância até a velhice.

Uma ótima lição que os nômades nos dão é a participação das crianças e dos jovens em tudo que a família ou grupo está vivendo ou sofrendo. Não há segredo entre

eles quanto a isto. Logo cedo a criança aprende o idioma cigano (Romani); sabe dos negócios do pai; dos inimigos da família; montar um animal ou manobrar um veículo; armar e desarmar a barraca; ir ver se alguém pode ou não pode ir a algum lugar que oferece certo perigo; acompanhar os visitantes e conversar com eles para ver se têm reta intenção, se são amigos de verdade, etc.

Sempre achei que as barracas dos ciganos, bem como suas vestes, suas arcas e certos utensílios possuem um certo mistério e muitos segredos. Mas, entre eles mesmos, não há nada oculto. Se o problema afeta a família ou o grupo, todos sabem de tudo, desde as crianças até os mais velhinhos. Estes são sempre consultados, porque têm conselhos sábios e a experiência dos muitos anos de caminhada. São eles que contam as histórias e passam as tradições para os filhos e demais descendentes. Às vezes, um negócio não é concretizado se a velha cigana tiver algum mau presságio quanto às consequências dele.

Foi com incontida alegria que li no *Jornal de Opinião*, da Arquidiocese de Belo Horizonte, uma página inteira dedicada à Pastoral dos Nômades. Aquele jornal católico apresentava o artigo em forma de reportagem. Falava da existência dessa Pastoral no mundo inteiro e do seu início recente no Brasil - começo dos anos 90 -, quando aqui chegou o padre italiano Renato Rosso, com uma experiência de

mais de vinte anos de trabalho junto aos nômades. Tudo com a aprovação e o acompanhamento de uma Comissão Pontifícia para a Pastoral das Migrações e Itinerantes e o apoio da CNBB-Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. O artigo daquele jornal veio tirar muitas dúvidas que eu possuía. Falava que a Pastoral faz parte do Setor da Pastoral Social da CNBB, que um bispo é seu coordenador e responsável em nível nacional e que os objetivos principais dela são:

a) Ser presença da Igreja junto dos nômades (ciganos, circenses e parquistas), rezando por eles e com eles, celebrando os momentos que eles mais valorizam: o nascimento, o batizado, o casamento e a morte.

b) Realizar junto deles uma promoção humana ensinando a ler e escrever (aproximadamente 90% são analfabetos por falta de uma escola itinerante) ou fazendo algum pequeno artesanato.

c) Através de pregações, palestras e encontros, informar a comunidade sedentária sobre a vida e a cultura dos nômades, mostrando os valores positivos que cultivam na sua história milenar. Geralmente, o povo só sabe coisas negativas a respeito deles. Por essas e outras, tornei-me padre cigano.

Muitas vezes os ciganos falam comigo: "O senhor é mais cigano do que nós". Muitos acham que sou filho ou neto de ciganos, pelo menos algum sangue cigano

Foto enviada por pe Paulo



Pe Paulo em dia de festa cigana ao norte do Estado do Espírito Santo

corre em minhas veias. Às vezes viajando muito mais que eles para me encontrar com tantos grupos nos mais diferentes lugares do Brasil, por certos costumes, roupas ou gestos sou considerado como um deles. Jamais desejei curtir algo diferente ou aparecer mais com calças e camisas coloridas, pulseiras, cordões e anéis, diante de quem quer que seja. Na verdade se uso trajes e cultivo certos hábitos e modos ciganos desejo apenas experimentar as mesmas discriminações, desconfianças, desprezos, zombarias e desfeitas que eles sofrem.

Certa vez escutei uma balconista de lanchonete falar para o caixa: "O café é seis cruzados, mas daquele cigano ali, você cobra dez cruzados." À noite, na Igreja matriz daquela cidade, a mesma moça baixou a cabeça quando me viu celebrando a missa e ouviu a minha pregação solene sobre os preconceitos contra nossos irmãos nômades.

Quantas vezes, num ônibus ou lugar público as pessoas se levantaram de repente quando me sentei ao lado delas. Até mesmo em várias casas paroquiais e igrejas já fui impedido de entrar e celebrar a missa. Certos bispos, padres, religiosos e muitos leigos me olham de modo esquisito.

Geralmente o dia no acampamento começa às cinco horas da manhã. Acende-se o fogo e a maioria toma café puro. O almoço acontece entre às 7h30 e 8 horas e logo depois dele as ciganas saem para praticar a leitura da sorte e conseguir o necessário para o jantar e o almoço do dia seguinte. Os homens ficam em casa, cuidando das crianças, fazendo algum trabalho artesanal e negócios ou barganhas de animais, carros, rádios, pulseiras, anéis, cordões, roupas, colchas, tapetes, peças de cobre ou outros objetos. São ótimos joalheiros e douradores. Como os antigos nômades do Oriente, os ciganos vivem do comércio.

Tanto nos negócios como em certas propostas ou promessas - o casamento, por exemplo, é prometido pelos pais quando os dois candidatos são ainda crianças -, palavra empenhada é um ponto de honra e não pode voltar atrás, a não ser com mútuo e bem antecedido entendimento das partes.

Por volta das 15 horas as ciganas voltam para o acampamento e o jantar é

servido às 16 horas.

A comida dos ciganos é frugal: arroz, feijão, carne, uma verdura ou macarrão. Não há lanche e o café puro é servido o dia todo, sobretudo quando chega uma visita. Alguns fazem ótimos chás. É claro que esses hábitos, costumes, bem como roupas, variam um pouco o seu estilo nas diferentes raças ciganas.

Após o jantar as famílias se reúnem para conversar, contar casos ou comentar os fatos daquele dia naquele lugar. Ao escurecer o fogo é aceso. Para o cigano ele é sinal de vida, de saúde, de força. Todos se reúnem ao seu redor diante de suas barracas e esse é um dos mais bonitos momentos do dia. As roupas com os mais diversos coloridos, as pulseiras, cordões e anéis, bem como as botas e chapéus com detalhes prateados ou dourados, brilham ao se movimentarem ao redor da fogueira e formam uma coroa da apoteose do balé de mais um dia de vida: o hoje que os ciganos viveram intensamente.

No máximo às 20 horas, todos já estão dormindo, com a mesma roupa que passaram o dia. O silêncio é total e ninguém mais (a não ser com grande estranheza por parte do grupo) entra ou sai.

A coragem, a força e a perseverança estão presentes também nos circos, pois muitos dos seus donos, artistas e funcionários são ciganos. Na Europa a percentagem dessa presença na tenda dos fascinantes espetáculos chega a 50% e os números mais eletrizantes são apresentados por eles, geralmente. Devido à existência de preconceitos, nas companhias circenses esses filhos dos antigos saltimbancos e criadores das atraentes pantominas preferem não revelar sua origem e identidade.

Acrobatas, mágicos, palhaços, trapezistas, bem como animais e seus domadores fazem brilhar os olhos das crianças, dos jovens e adultos que voltam a ser crianças num mundo de beleza, fantasia e coragem, num harmônico concerto de luzes, cores e sons. Às vezes, mesmo doentes, cansados ou tristes, os trapezistas têm que voar no ar, os malabaristas não podem errar e os palhaços têm que fazer o público rir, mesmo quando uma lágrima rola sobre sua maquiagem.

No mundo do circo, vários mundos estão presentes. Não apenas porque ele

possui artistas de diversas regiões ou nacionalidades, mas, sobretudo, porque cada um deles é um mundo diferente no eclético universo da grande tenda onde vibram - com lantejoulas, paetês e sedas maravilhosas -, a vida, a garra, a paixão, o amor e a certeza de que o espetáculo de hoje será grande, esplêndido, maravilhoso - o maior espetáculo da terra. Um espetáculo que não pode parar. E, no mundo do parque de diversões, tudo é festa: luzes, cores, som e movimento revelam o espírito cigano que o anima. Tudo gira, balança, canta, dança e salta de alegria.

Na medida em que a vida comercial desapareceu das vilas e pequenas cidades, com o fenômeno do Êxodo Rural, os terrenos baldios foram sendo ocupados pela construção de casas na dolorosa "inchação" que outras cidades maiores passaram a sofrer. As cercas ao redor das propriedades e a pavimentação asfáltica das rodovias sem nenhum acostamento, foram deixando os ciganos cada vez mais sem lugar para acampar. Praticamente, nunca mais podem voltar àqueles lugares e são obrigados a lutar por um espaço na periferia das periferias dos grandes centros urbanos.

Às vezes num só dia são escorraçados várias vezes em diferentes lugares.

Lembro-me que certa vez armamos e desarmamos nossas barracas três vezes em diferentes lugares na periferia de uma cidade. Gente da Prefeitura, da Delegacia e da Associação dos Moradores do bairro diziam sempre o mesmo: "Aqui não pode ficar! Fora, fora daqui!" "O mundo é o mesmo, mas os corações mudaram para pior" - comentou uma velha cigana naquela noite ao redor do fogo. Estávamos tão cansados que armamos as barracas de qualquer jeito e dormimos sobre a terra nua, pois não tínhamos forças nem para forrar o chão. Estávamos num lugar horrível, onde todo o lixo da redondeza era jogado. Mas assim como os mais bonitos lírios que nascem e crescem nos pântanos, ali desabrocharam belas flores de amizade, confiança e fraternidade. Uma comunidade eclesial muito consciente de sua responsabilidade abriu os braços para nós. Vivemos dias de boa sorte e ricas bênçãos.

